# Funk: despertando pontos de vista em sala de aula

Marlucia da Silva Souza Brandão

## 1. Justificativa

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Domingos José Martins está localizada em Marataízes, litoral sul do Espírito Santo. Criada em agosto de 1970, é a única escola da área urbana que oferece o Ensino Médio, mas na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) ela oferece o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio a cerca de 1.860 alunos.

Observando o avanço tecnológico dos últimos anos, e especialmente o acesso de alunos ao telefone celular, foi inevitável que ele adentrasse o espaço escolar.

O Projeto de Lei nº 439/2007, da Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo, dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas salas de aula dos estabelecimentos da rede estadual: "Art. 1º – Fica proibido o uso de telefone celular nas salas de aula dos estabelecimentos da Rede Estadual de Ensino".

A escola Domingos José Martins libera o uso do aparelho durante o recreio; porém, a grande maioria do corpo discente burla a lei e o utiliza, às escondidas, em sala de aula, principalmente com o auxílio do fone de ouvido, para ouvir música.

Entre os gêneros musicais ouvidos por eles, observamos que a opção pelo funk tem crescido de forma considerável, já que muitos deles são frequentadores de bailes funks em ruas e/ou casas particulares.

Nesse sentido, e aproveitando uma discussão entre duas alunas, na qual uma delas afirmava que o funk é música de malandro e drogado e a outra dizia que toda regra tem sua exceção, surgiu a proposta da análise desse gênero musical e a ideia

do projeto "Funk: despertando pontos de vista em sala de aula", pois, por ser tema polêmico, propiciaria a fomentação à argumentação, já que o tema fazia parte da realidade e da vivência de muitos estudantes.

O público-alvo do projeto serão as duas turmas de 1º ano do Ensino Médio vespertino – 1º ano V01 e 1º ano V02: média de 45 alunos.

## Objetivo

O projeto "Funk: despertando pontos de vista em sala de aula" tem por finalidade promover um debate sobre o funk, sua história e suas vertentes, propiciando ao aluno uma interação dialogada com a temática, de maneira a minimizar ou sanar quaisquer situações de resistência ao gênero oral, bem como o processo que envolve a escrita e reescrita do próprio artigo de opinião, dando ao aluno o direito de voz e também a oportunidade de perceber e encarar a escrita como algo natural e necessário.

## 2. Fundamentação teórica

Sabemos que em todos os espaços da sociedade há uma diversidade de práticas de leitura e escrita. Cabe então à escola propiciar possibilidades de aprendizado em que a comunicação seja utilizada além da decodificação, e não apenas por meio do domínio da escrita.

É preciso relembrar que escrever é um processo de comunicação e interação e que é necessário levar em consideração "o que se diz, a quem se diz, de que forma se diz", mostrando o objetivo pretendido na prática interlocutória. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, "ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicação que os tornem necessários. Fora da escola escrevem-se textos dirigidos a interlocutores de fato".

Segundo os PCNs (Brasil, 1997, p. 28), "todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modalizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual".

O uso social da escrita vem sendo discutido com a difusão do conceito de letramento. Segundo Kleiman (2005, p. 21), o termo "abrange o processo de desenvolvimento e usos do sistema da escrita nas sociedades". Para englobar tal complexidade, conforme Rojo (2009), a denominação mais adequada seria "letramentos múltiplos". Nas séries iniciais, espaços-chave de formação, o profissional polivalente é o responsável por embasar o trabalho com esses letramentos.

Podemos afirmar que a escola é um espaço de letramentos múltiplos e vai muito além das aulas de língua portuguesa e outras disciplinas. Dessa forma, toda a argumentação envolvendo o funk, que é um estilo musical ouvido por grande número de

alunos, tratará da questão da leitura, oralidade e produção, que no caso específico desse projeto é trabalhar o gênero Artigo de opinião.

A escrita, segundo Rangel e Garcia (2012), é vista como uma atividade transitiva, o que significa que, assim como nas atividades e procedimentos sugeridos para a sala de aula, alunos e professores são conduzidos a pensar e a exercitar a escrita como um discurso que se organiza num gênero determinado.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, um dos objetivos a ser perseguido pela escola é possibilitar aos alunos que desenvolvam capacidades e competências que lhes permitam compreender e produzir textos, orais e escritos, de diferentes gêneros, para se tornarem competentes em relação ao uso da língua materna.

Rangel e Garcia (2012, p. 118) sustentam que "a prática do debate oral pode levar os estudantes a realizar movimentos importantes para reescrever o próprio texto: formular expressamente polêmicas, avaliar os argumentos utilizados pelos oponentes, assim como os seus próprios, identificando aqueles que são fracos, duvidosos, raciocínios falsos e pressupostos questionáveis. Passando a perceber que o gênero artigo de opinião "não opera pela simples formulação de opiniões, mas pela fundamentação e negociação de posições".

Trabalhar o funk como prática de letramento na sala de aula também será uma forma de resgatar o gênero oral através de debates regrados dos diversos pontos de vista sobre o assunto, bem como propiciar uma gama de argumentos que nascem das atividades envolvendo a oralidade, que, organizados, servirão de alimento para a produção textual individual do aluno.

Para Toulmin (2001), a argumentação é o desenvolvimento de um raciocínio que parte de dados aceitos e que, por meio de justificativa, conduz o ouvinte a uma conclusão possível.

## 3. Pré-projeto de práticas de letramento em sala de aula

### 3.1. Estratégias para promover a sensibilização dos alunos ao projeto, bem como a discussão dos aspectos culturais e sociais implicados no tema

Por ser o funk um tema polêmico e pertencer a uma cultura considerada por muitos como marginal, tomei o cuidado de introduzi-lo através do *funk melody* (romântico), com a letra da música *Fico assim sem você,* de Claudinho e Bochecha.

Partindo desse ponto, foi feito um levantamento dos alunos que gostavam da música trabalhada e, com a conclusão de que todos apreciavam esse gênero, foi organizado um debate: funk como cultura marginal *versus* cultura aceita pela escola, já que um grande número de alunos ouvia o ritmo nos celulares.

De imediato percebi, na sala de aula, a criação de três grupos: um, contrário ao estilo musical (principalmente os alunos evangélicos); outro, favorável; e o terceiro,

que sustentava que dentro de cada estilo musical existia aquilo que valia a pena ouvir e aquilo que se podia rejeitar.

Dessa forma, cada grupo foi organizado para fazer uma pesquisa e o levantamento dos vários tipos de funk ouvidos pela juventude, suas origens, os prós e os contras.

Após esse levantamento e estudo, foi realizada a primeira plenária para exposição das ideias, e os próprios alunos deram a sugestão de uma pesquisa no turno vespertino (em forma de votação): a favor, contra ou meio-termo a respeito do funk.

Essa pesquisa movimentou a turma na organização de cédulas, urnas, processo de votação, convocação dos demais alunos do turno, cozinheiras, serventes, bem como o corpo administrativo e pedagógico. Cada aluno levou uma cédula para casa, para que o seu responsável também pudesse votar.

Após a apuração, foi confeccionado pela turma um gráfico com o resultado da enquete, que foi divulgado no painel localizado no pátio interno da escola.

Em seguida, foi organizado um júri simulado, em que o funk foi levado ao banco dos réus para que pudesse ter um julgamento justo – com direito a defesa, acusação e corpo de jurados –, por fazer apologia às drogas e à violência. Esse debate propiciou aos alunos uma gama de argumentos, o que também serviu de alimentação para a escrita dos artigos de opinião, que seria o próximo passo do projeto.

Partimos então para a escrita do texto inicial; em seguida, procedemos à dinâmica da leitura em dupla; e, por fim, para a reescrita, para que o artigo pudesse ser postado no *blog* criado pela turma para a divulgação do projeto e dos textos.

## 3.2. Definição do tratamento a ser dado aos gêneros envolvidos na prática

Na sequência didática serão propostas atividades que possibilitem ao aluno a criação de mecanismos para compreensão e utilização dos diversos tipos de argumentação (autoridade, evidência, comparação, exemplificação, princípio, causa e consequência) sobre o uso da linguagem oral e escrita a partir do contato com outros tipos de texto, artigo e documento.

**Atividades previstas na sequência didática**

- Sensibilização ao projeto por meio da letra do *funk melody Fico assim sem você,* de Claudinho e Bochecha.
- Apresentação do conceito de cultura, cultura popular e cultura marginal, de forma a contextualizar o surgimento e o ritmo do funk.
- Levantamento dos alunos que ouvem ou já ouviram o funk; daqueles que gostam ou não do ritmo.
- Organização de enquete, com o registro do resultado no quadro (números dos que gostam, dos que não gostam e daqueles que declaram gostar "mais ou menos".

- Motivação daqueles que ouvem e gostam do estilo musical; o mesmo com relação aos que não gostam do estilo e daqueles que se posicionaram no meio-termo.
- Criação de um cartaz, dividido em três colunas, para anotação dos argumentos: favorável ao funk / meio-termo / contrário ao funk.
- Solicitação aos alunos que escrevam em tiras de papel trechos de letras de funk que eles conhecem ou dos quais se lembram.
- Orientação aos alunos para substituir palavrões e expressões inapropriadas por asterisco.
- Colagem de todos os trechos citados pelos alunos e a declamação deles por um ou mais alunos da turma.
- Correlação, a partir do que foi lido, entre os argumentos apresentados pelos alunos e os trechos colados no quadro. Exemplo: se alguém argumentou que o funk faz apologia ao tráfico, fazer os alunos identificar exemplos nos trechos fixados no quadro.
- Pesquisa, por parte dos alunos, para a aula seguinte, de outras letras de funk e outros textos que abordem o tema.
- Contextualização do estilo musical funk, dando aos alunos várias informações sobre esse ritmo por meio de textos.
- Sugestões de textos e artigos para a organização da discussão e plenária:
  - Baile funk favela (http://www.textoonline.com/baile-funk-favela).
  - História do funk (http://www.brasilescola.com/artes/funk.htm), publicado em 24/9/2009.
  - "Se o funk também é cultura, por que há tanto preconceito?" (Jasmine Viana). Disponível em <https://jornaldigital2006.wordpress.com/2012/10/14/se-o-funk-tambem-e-cultura-por-que-muitos-o-veem-como-um-atraso-de-vida>.
  - "Menos hipocrisia e mais beijinho no ombro" (Daniel Finizola). Disponível em <http://blogdowagnergil.com.br/vs1/2014/04/16/opiniao-menos-hipocrisia-e-mais-beijinho-no-ombro-parte-i>.
  - "A nova moral do funk" (Marcia Tiburi). Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2011/11/moral-funk>
  - "Sem crítica social, funk ostentação cai no gosto da classe média" (Marsílea Gombata). Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/cultura/sem-critica-social-funk-de-ostentacao-cai-no-gosto-da-classe-media-1321.html>.
  - "Funk ostentação" (André Singer, *Folha de S. Paulo*, 16/2/2013). Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/93957-ostentacao.shtml>.
  - "O funk, a alienação e a mercantilização da cultura" (http://www.webartigos.com/artigos/o-funk-a-alienacao-e-a-mercantilizacao-da-cultura/25022).

  - "Com o funk ostentação, o morador da periferia sonha em ser *playboy*" (Fabiano Amorim). Disponível vem <http://fabiano-amorim.blogspot.com.br/2014/01/com-o-funk-ostentacao-o-morador-da.html>.
  - Entrevista com a rainha do funk japonês, Tigarah. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/overblog/tigarah-a-rainha-do-funk-carioca-japones>.
- Organização de votação no turno vespertino (turmas do projeto) para a apuração da opinião de toda a escola (alunos, professores, corpo técnico e administrativo da escola, bem como os pais).
- Montagem do gráfico do resultado da pesquisa realizada através da votação.
- Dinâmica com utilização do jogo "Q. P. Brasil – O jogo da argumentação", que traz propostas de atividades e contribui para o desenvolvimento e o exercício da argumentação dos alunos.
- Plenária na sala de aula para defesa dos argumentos.
- Organização do debate regrado (júri simulado), do qual os alunos possam se alimentar para realizar as produções individuais.
- Produção da primeira versão do artigo de opinião com base em tudo o que foi trabalhado.
- Início da reescrita:
  - leitura da primeira produção do artigo de opinião pelo professor;
  - escolha de um artigo (com a autorização do aluno-autor) para ser trabalhado no coletivo;
  - leitura em dupla da produção do colega para possíveis apontamentos;
- Criação do *blog* da turma para divulgação dos artigos produzidos.
- Postagem no blog dos artigos de opinião de todos os alunos.

**Material necessário**

- textos e artigos sobre o funk e letras de funks impressos;
- equipamento de som ou computador com recursos multimídia para reproduzir as músicas;
- computador;
- *datashow*;
- cartolina.

## 3.3. Avaliação e produto final

As estratégias de avaliação do projeto "Funk: despertando pontos de vista em sala de aula" serão elaboradas de forma processual e contínua, valorizando principalmente

o lado qualitativo e partindo da observação de todo envolvimento do aluno, tanto no contexto individual quanto no coletivo, tanto na produção oral como na escrita, de forma que professor e aluno possam observar e pontuar todo o desenvolvimento durante o caminho percorrido no processo de escrita e reescrita do artigo de opinião, com vistas na versão final, que será postado no *blog* criado pelas turmas engajadas no projeto.

## 4. Referências bibliográficas


BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental, v. 2, 1997.

CENPEC. *Pontos de vista*. Caderno do professor: orientações para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2014. Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

CENPEC. "Questões polêmicas do Brasil – O jogo da argumentação". São Paulo: Cenpec, 2008. Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

DOLZ, J. et al. "Ensinar a produção escrita", in: DOLZ, J.; DECÂNDIO, F.; GAGNON, R. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

GOMES, L. P. S.; NORONHA, C. A. *Leitura e escrita na matemática: orientações dos parâmetros curriculares nacionais*. Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática. Curitiba, 18 a 21 de janeiro de 2013.

KLEIMAN, A. B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: Unicamp/Cefiel; MEC, 2005.

OLIVEIRA, M. S. "O papel do professor no espaço da cultura letrada: do mediador ao agente de letramento", in: SERRANI, S. (org.). *Letramento, discurso e trabalho docente*. Vinhedo: Horizonte, 2010.

RANGEL, E. O.; GARCIA, A. L. M. "A Olimpíada de Língua Portuguesa e os caminhos da escrita na escola pública: uma introdução". *Cadernos Cenpec*, v. 2, nº 1, jul., 2012, pp. 11-22.

—. "No limiar da persuasão: o movimento argumentativo na escrita de artigos de opinião por estudantes brasileiros". *Cadernos Cenpec*, v. 2, nº 1, jul., 2012, pp. 99-120.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

TOULMIN, S. *Usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIANNA, H. "Central da periferia – texto de divulgação". Publicado pela TV Globo como anúncio em vários jornais brasileiros, 8/4/2006. Disponível em <http://www.overmundo.com.br/banco/central-da-periferia-texto-de-divulgacao>. Acessado em 16/11/2015.